

Os pequenos seres verdes

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Na janela havia uma roseira; pouco antes estava viçosa e jovem, agora parecia doente, sofria de alguma coisa.

Tinha recebido hóspedes aquartelados que a devoravam; aliás, hóspedes muito respeitáveis, de uniforme verde.

Conversei com um dos aquartelados: tinha apenas três dias de vida e já era bisavô. Sabe o que ele disse? Era verdade o que dizia; falava de si e de todos os aquartelados.

— Somos o regimento mais extraordinário entre as criaturas da Terra. Na estação quente damos à luz filhotes vivos; o tempo então é bom, não é? Logo ficamos noivos e fazemos o casamento. Quando vem chegando o frio, pomos ovos; os pequeninos ficam bem abrigados. O animal mais sábio, a formiga — temos grande consideração por ela —, nos estuda, nos avalia. Não nos come logo: pega nossos ovos, põe-nos no andar mais baixo do formigueiro que partilha com a família, arruma-nos com conhecimento e numeração, lado a lado, camada sobre camada, para que a cada dia um novinho possa sair do ovo. Depois nos põem no estábulo, apertam-nos acima das pernas traseiras, ordenham-nos até morrermos; é um grande prazer! Entre elas temos o nome mais encantador: “doce vaquinha leiteira!” Todos os animais com inteligência de formiga nos chamam assim, só os humanos não; e isso é uma ofensa para nós, é de fazer perder a doçura. O senhor não pode escrever contra isso, não pode pôr esses humanos na linha? Olham para nós de um jeito tão estúpido, com olhos sujos, porque comemos uma folha de roseira, enquanto eles

próprios devoram toda criatura viva, tudo o que verdeja e cresce. Dão-nos o nome mais desprezível, o nome mais repugnante. Não vou pronunciá-lo, ui! Meu estômago se revira! Não posso dizê-lo, pelo menos de uniforme, e estou sempre de uniforme.

“Nasci na folha da roseira; eu e o regimento inteiro vivemos da roseira, mas ela, por sua vez, vive em nós, que pertencemos à categoria mais elevada das criaturas. Os humanos não nos suportam: vêm e nos matam com água de sabão. É uma bebida horrível! Parece que estou sentindo o cheiro. É terrível ser lavado quando se nasceu para não se lavar!

“Humano! Você, que me olha com esses severos olhos de água de sabão, pense em nosso lugar na natureza, no engenho de nossa constituição para pôr ovos e produzir filhotes! Recebemos a bênção de ‘povoar e multiplicar-nos!’ Nascemos em rosas, morremos em rosas; todo o nosso tempo é poesia. Não nos pregue esse nome que você acha tão repugnante e feio, esse nome... Não vou dizê-lo, não vou pronunciá-lo! Chame-nos de vaca leiteira da formiga, regimento da roseira, os pequenos seres verdes!”

E eu, o humano, fiquei olhando a roseira e os pequenos seres verdes, cujo nome não vou pronunciar, para não ofender um cidadão da roseira, uma grande família com ovos e filhotes vivos. A água de sabão com que pretendia lavá-los — pois eu viera com água de sabão e más intenções —, agora vou batê-la e soprá-la em espuma, fazer bolhas de sabão, contemplar seu esplendor; talvez haja um conto em cada uma.

E a bolha ficou tão grande, de cores radiantes, e havia nela como que uma pérola de prata no fundo. A bolha oscilou, flutuou, voou em direção à porta e estourou; mas a porta se abriu de repente, e ali estava a própria Mãe dos Contos.

— Pois agora ela pode contar melhor do que eu sobre... Não vou dizer o nome!... os pequenos seres verdes.

— Pulgões! — disse a Mãe dos Contos. — É preciso chamar cada coisa por seu verdadeiro nome; e, se não se ousa fazê-lo na vida comum, é preciso ser capaz de fazê-lo no conto.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/os-pequenos-seres-verdes>